

Monte Azul Paulista

Agronegócio e Futebol: tabela de primeira

A té bem pouco tempo muitas cidades do interior de São Paulo eram mais conhecidas por seus times de futebol do que por suas economias ou atividades. Ninguém falava “o XV de Novembro”, mas “o XV de Piracicaba”. Acontecia o mesmo com o “Botafogo de Ribeirão Preto”, a “Ferroviária de Araraquara”, o “Guarani e a Ponte Preta de Campinas”. Mas estas cidades cresceram, e não precisaram mais do futebol como vitrine. O entusiasmo diminuiu e os times do interior vêm alternando bons e maus momentos.

O que ocorreu nestas cidades, nos anos 60 e 70, está acontecendo agora em Monte Azul Paulista. O Atlético é mais conhecido como Monte Azul, e leva o nome da cidade para os quatro cantos do Estado de São Paulo, quicá do Brasil. O time é esperança de novos tempos, pela visibilidade que confere à cidade.

Quando Monte Azul foi destaque neste informativo, em dezembro de 2004, a cidade comemorava a conquista do título da série B1 do Campeonato Paulista, e o acesso para a A3. Seis anos depois o time está na série A1, enfrentando os grandes do futebol paulista. No jogo de estréia o adversário foi o centenário Corinthians. O empate foi comemorado como vitória, e a renda líquida, de pouco mais de R\$ 500.000,00, pagará quase quatro meses de salários dos jogadores.

Novato na primeira divisão, o time também tem história. São 90 anos de fundação, 24 a menos do que a cidade, cuja emancipação política ocorreu em 1896, época de ouro do café em São Paulo. Circulava tanto dinheiro em Monte Azul que no começo do século XX ela foi berço de duas casas bancárias: a Antonio de Queirós S.A. e a Julião Arroyo S.A.

Depois do café veio o algodão, a laranja, que nos anos 80 deu a Monte Azul uma forte lufada de prosperidade e desenvolvimento. As doenças da laranja vêm, nos últimos anos, mudando o cenário do agronegócio local. Em 2004

a laranja ocupava 12 mil hectares, hoje ocupa 3 mil a menos, mas ainda está presente em 276 unidades de produção. A cana-de-açúcar, por sua vez, ganhou este espaço e mais mil hectares. Já são 10,6 mil hectares, em 225 propriedades. “É o mercado”, diz o prefeito Carlos Gilberto Arroyo, produtor de laranja e ex-presidente do Grupo Montecitrus, que tem sede na cidade e reúne 250 associados, 350 propriedades rurais e produz 20 milhões de caixas de laranja.

Em seu primeiro mandato político o executivo tinha uma prioridade: colocar as contas em dia. Conseguiu em 3 meses, mas não foi fácil. A arrecadação própria é pequena. São os repasses do governo federal e estadual que permitem os maiores investimentos. “Porém é tudo muito engessado”, diz o prefeito que não tem grandes sonhos. A localização do município, ao norte do Estado, e a logística complicada não facilitam a instalação de empresas na cidade, ainda pouco conhecida. “O futebol pode ser sim um fator de desenvolvimento. Aconteceu em outras cidades, Taquaritinga mais recentemente, por exemplo”, diz o prefeito Gilberto.

Enquanto isto a agricultura, e tudo o que gira ao seu redor, vão continuar sendo as principais fontes de empregos e geração de renda. E também a maior carteira de negócios dos bancos da cidade.

Com as contas municipais em dia, os investimentos começam a aparecer, principalmente em saúde e educação, cujas verbas chegam com mais abundância. Na saúde, convênios firmados com a iniciativa privada e hospitais filantrópicos têm melhorado o atendimento à população. Exemplo disso são os exames laboratoriais que demoravam mais de 45 dias para serem agendados. Hoje a espera não passa de uma semana.

Na área educacional ocorreram muitas mudanças. A cidade confirmou sua opção por usar a metodologia de uma rede particular de ensino. Uma nova parceria estendeu os benefícios (material

e capacitação pedagógica) a todo ensino fundamental, inclusive crianças a partir de 4 anos, da educação infantil. Uma lei municipal melhorou o plano de carreira na educação. A lei premia com um 14º salário os professores com maior frequência e menos faltas justificadas. A motivação está dobrada. Uma escola de tempo integral para 180 crianças e um cursinho, para alunos que concluíram o ensino médio na rede estadual, começaram a funcionar no mês de fevereiro. Uma creche para 280 crianças deve ser inaugurada proximamente. Assim, o atendimento à educação cobrirá todas as faixas etárias.

Na área de infraestrutura pouco mudou. A captação e distribuição de água melhoraram, mas o tratamento de esgoto ainda está no projeto. Novas moradias serão erguidas somente se houver repasse federal ou estadual.

Monte Azul e seus quase 19.700 habitantes estão tranquilos com relação à administração municipal. Sabem que as melhorias virão. Confiam no empresário, hoje homem público, que ocupa a cadeira de prefeito. Mas é no filho dele, o empresário do agronegócio Ricardo Arroyo, que os moradores depositam suas esperanças.

Ricardo é o presidente do Atlético Monte Azul, time sem nenhuma dívida que vive dos patrocínios e da ajuda de empresários locais, a maioria formada por produtores rurais. Este é um momento de êxtase para a cidade, que cabe praticamente inteira no estádio local, cuja capacidade é para 15.600 pessoas, mas o estádio não receberá os grandes times em 2010. Os jogos com os times da elite serão disputados em Ribeirão Preto, que comporta mais torcedores, rendendo mais bilheteria. É a razão acima da emoção. “É preciso garantir recursos para manter uma boa equipe e se firmar no campeonato, onde mais difícil que ascender é permanecer”. Monte Azul Paulista nunca foi tão comentada fora de sua região.



Vencedores do II Prêmio ABAG/RP de Jornalismo

Os vencedores do II Prêmio ABAG/RP de Jornalismo foram anunciados no dia 10 de dezembro, na chopperia mais famosa do Brasil, em Ribeirão Preto. O evento era aguardado com expectativa por todos os inscritos no único prêmio regional de jornalismo, voltado exclusivamente ao agronegócio. Os vencedores das categorias Profissional e Jovem Talento só souberam do resultado durante a solenidade. A Comissão Julgadora, formada por 5 membros, sendo 2 jornalistas e 3 especialistas em agronegócio - Rosana Zaidan, editora chefe do Jornal A Cidade de Ribeirão Preto, Ferraz Junior, assessor de imprensa da USP/Ribeirão Preto, Roberto Fava Scare, da FEARP/USP, Paulo Rodrigues, da Socicana, e Silvio Crestana, da Embrapa Instrumentação Agropecuária, teve muito trabalho. Concorreram 60 matérias.

Na Categoria “Jovem Talento” participaram estudantes dos 4 últimos semestres do curso de Jornalismo, de 4 faculdades da Região de Ribeirão Preto. Eles concorreram em duas modalidades: “Impresso” e “Vídeo”. O prêmio em cada modalidade foi um notebook.

Na modalidade “Impresso” a vencedora foi a estudante do último ano de Jornalismo da UNAERP, Universidade de Ribeirão Preto, Natália Juliana Galati. A matéria “Pequeno produtor resiste à monocultura” contou a história de uma associação de produtores da cidade de Jardínópolis, que viu na fruticultura uma

alternativa rentável para substituir as lavouras de cana-de-açúcar nas pequenas propriedades.

Na modalidade “Vídeo” o vencedor também foi um estudante da UNAERP. Renan de Carvalho Gouvêa escolheu o tema emprego. Na matéria “Emprego x Qualificação” ele discorreu sobre a demanda regional por mão de obra qualificada para trabalhar no agronegócio, tanto no campo quanto para as indústrias.

Na Categoria “Profissional” foram três modalidades: “TV”, “Jornal” e “Revista”. O vencedor em cada uma delas recebeu R\$ 5.000,00, já deduzidos os impostos.

Na modalidade “Revista” o vencedor foi o jornalista Clivonei José Roberto, da Revista IdeaNews. A matéria “O impulso que vem dos dutos” abordou a questão da infraestrutura para o escoamento de etanol no país, com uma análise dos projetos de alcooldutos públicos e privados.

Na modalidade “Jornal” o vencedor foi o jornalista Gustavo Porto, com a matéria “Grupo Dreyfus fica com 60% da SantaElisa Vale”, publicada no jornal O Estado de São Paulo, em 27 de ou-

tubro. A matéria tratou das mudanças no setor sucroalcooleiro e da criação da segunda maior empresa de açúcar, álcool e bioenergia do mundo.

A EPTV-Central, filiada da Rede Globo, e sediada em São Carlos, foi a vencedora na modalidade “TV”. A matéria produzida pelo jornalista Paulo Augusto Vieira: “Hidrólise: a revolução do etanol” traçou um paralelo entre três gerações de produtores de cana-de-açúcar, e a evolução da cultura. Em sete minutos a matéria expôs com clareza o processo de hidrólise da cana. A quebra da fração dura da cana-de-açúcar, bagaço e palha, é feita através de um processo parecido com a digestão. A reação da água e de catalisadores resgata açúcares dessas fibras, resultando no etanol de 2ª geração. É mais produção por hectare.

Segundo a diretora executiva da ABAG/RP, Mônica Bergamaschi, a segunda edição do Prêmio ABAG/RP de Jornalismo reafirmou o sucesso da iniciativa, tanto pelo volume quanto pela qualidade dos trabalhos inscritos. A íntegra dos trabalhos vencedores está disponível em www.abagr.org.br.



Os premiados de 2009. Acima: os estudantes Renan Gouvêa e Natália Galati; Abaixo: os profissionais Clivonei José Roberto, Gustavo Porto e Paulo Augusto Vieira.

2009: finalmente passou!

Quando 2009 começou ninguém se arriscava a fazer qualquer previsão sobre o que poderia acontecer. O clima de desesperança, ao longo do ano, trouxe a sensação de que o melhor mesmo era torcer para que os impactos da crise passassem logo. O Brasil fechou 2009 com um dos piores resultados no comércio internacional do governo Lula. Mas, mais uma vez o agronegócio salvou a Pátria, e o saldo da balança comercial brasileira foi de US\$ 25,34 bilhões.

O desempenho do agronegócio em 2009 foi pior do que em 2008, mas melhor que o esperado diante de tantas incertezas. As exportações caíram 19,8%, de US\$ 71,81 bilhões para US\$ 64,7 bilhões. As importações tiveram queda de 16,9%, de US\$ 11,82 bilhões para US\$ 9,8 bilhões.

O superávit do agronegócio foi de US\$ 54,9 bilhões, 8,55% menor em relação ao ano anterior, mas a participação nas exportações totais do país saltou de 36,3%, em 2008, para 42,5%, em 2009.

Os desafios econômicos foram imensos, e somados à nova modalidade de protecionismo internacional, a ambiental, resultaram num ano truncado, com discussões intermináveis, emoções à flor da pele, e surpresas. O Programa Nacional de Direitos Humanos, Decreto publicado em 21 de dezembro, marcou o encerramento do ano e, é claro, não esqueceu o agronegócio. “Satanizou” o setor misturando aquecimento global com direito de propriedade. Trouxe à tona, mais uma vez, a questão da insegurança jurídica que ronda e ameaça o setor rural.

O agronegócio se mantém em pé, mas às custas de muito trabalho, muita participação, muito malabarismo e pirotecnia para tentar se comunicar com a sociedade. Para mostrar o que ele realmente representa para as pessoas e para o País. Associações, cooperativas, empresas, sindicatos, produtores, e outros tantos atores do setor vêm fazendo sua parte.

Sustentabilidade

A questão ambiental permeou o ano de 2009 por conta da Convenção Quadro das Nações Unidas sobre Mudanças



Alunos de Ribeirão Preto, participantes do Programa Educacional “Agronegócio na Escola”, durante visita ao Centro de Educação Ambiental da Usina São Martinho

Climáticas, a COP15, que foi realizada em Copenhague no mês de dezembro. O assunto dominou a mídia e ganhou novos contornos. Termos como REDD, NAMA, MDL, pagamento por serviços ambientais, tornaram-se corriqueiros.

Como o governo brasileiro não discutiu com o setor privado um projeto nacional para ser apresentado na COP 15, catorze entidades brasileiras representativas do agronegócio, florestas plantadas e bioenergia, entre elas a ABAG/RP, lançaram no início de setembro de 2009 a Aliança Brasileira pelo Clima. O objetivo foi o de contribuir com propostas concretas para as negociações. A Aliança Brasileira pelo Clima – Agricultura, Florestas Plantadas, Bioenergia, se posicionou em dois pilares: 1) com recomendações ligadas ao regime internacional que deveria ser definido pelas negociações no âmbito da Convenção do Clima; e 2) com recomendações para ações no plano interno brasileiro, entre elas a recomendação da adoção de iniciativas direcionadas ao desenvolvimento de uma economia de baixa intensidade de emissões de gases causadores do efeito estufa. A íntegra do documento está em www.abagr.org.br.

Código Ambiental Brasileiro

Enquanto isso, antigas questões ambientais brasileiras continuavam sendo discutidas apenas em gabinetes e salas de reuniões. A ABAG/RP participou, nos três primeiros meses do ano, de diversas

reuniões com entidades e parlamentares para discutir o aprimoramento da legislação ambiental, que tem mais de 16 mil normas, algumas contraditórias, impossível, portanto, de serem cumpridas.

Entre as propostas, a revisão da Política Nacional de Meio Ambiente; o fortalecimento da participação dos estados na legislação ambiental; a reformulação de conceitos como Reserva Legal e Áreas de Preservação Permanente; o pagamento por serviços ambientais; e a adoção da ciência como parâmetro para o estabelecimento dos instrumentos de conservação ambiental e de uso da terra. A ideia é construir uma legislação ambiental moderna e aplicável. Um Código Ambiental Brasileiro, que unifique e simplifique o emaranhado de leis, decretos, resoluções e MPs em vigor. Somente assim será possível atingir a sustentabilidade econômica, social e ambiental. Desenvolvimento e conservação ambiental são absolutamente compatíveis.

Água

A questão tomou um novo contorno por conta do V Fórum Mundial das Águas, ocorrido na Turquia, onde foi assinado o “Consenso de Istambul sobre a água”. O Brasil apresentou seu modelo de gestão: a) Cobrança pelo Uso da Água no princípio poluidor pagador; b) participação da sociedade nas decisões sobre a gestão dos recursos hídricos nas bacias hidrográficas; c) incentivo financeiro à ampliação e construção de redes de

esgoto; d) remuneração de produtores agrícolas por serviços ambientais. Estas discussões fazem parte do dia a dia da ABAG/RP, que participa ativamente do Comitê de Bacia Hidrográfica do Pardo.

Em 2009 a discussão sobre a cobrança pelo uso da água predominou entre as atividades do CBH-Pardo. O início da cobrança foi adiado para 2011 por conta do atraso no cadastramento dos usuários, e pela indefinição do modelo de cobrança que será aplicado no setor rural, o que não permitiu que a Lei fosse assinada pelo governador de São Paulo.

A participação de todos os segmentos interessados nas discussões mostrou ser o melhor caminho. Somente assim os setores poderão opinar sobre os índices financeiros a serem aplicados nas fórmulas de cobrança, a fim de que ela seja a mais justa possível.

Comunicação - Site

No mês de maio a ABAG/RP lançou seu site reformulado. Mais moderno e ágil, em conteúdo e tecnologia, o site foi desenhado de modo a oferecer ao internauta agilidade na busca por informações. Os dados econômicos sobre o setor foram didaticamente interpretados. Assuntos que geram discussões acaloradas, como o uso das terras no país, foram cientificamente detalhados a partir de estudos imparciais. Textos educativos foram acrescentados para facilitar a pesquisa de estudantes. O vídeo do Programa Educacional Agronegócio na Escola agora pode ser assistido na íntegra. É possível encontrar respostas às perguntas mais frequentes sobre o setor. Não houve a pretensão de esgotar qualquer assunto, apenas aguçar a curiosidade. www.abagr.org.br

Campanha de Valorização Institucional da Imagem do Agronegócio

A Campanha ganhou em 2009 um novo slogan “Agronegócio: você também faz parte”. Cinco novos filmes institucionais, em duas versões: narrado e “jingle” foram criados para

eliminar os “pré-conceitos” ligados ao setor. Nas novas peças publicitárias a palavra Agronegócio ganhou contornos diferentes: AgroTrabalho, AgroSaúde, AgroVida, AgroEnergia e AgroFuturo. A substituição do termo “negócio” por outros que permeiam o dia a dia das pessoas serviu para mostrar o quanto o setor está presente no cotidiano, sem que elas se dêem conta disso. A Campanha, iniciada em 2001, já contabiliza 33 filmes e cerca de 16 mil inserções nas principais emissoras de TV da região de Ribeirão Preto.

Prêmio ABAG/RP de Jornalismo

O II Prêmio ABAG/RP de Jornalismo teve participação de cerca de 70 jornalistas profissionais e estudantes de jornalismo. A segunda edição seguiu os moldes da primeira, e vinculou a inscrição dos trabalhos publicados à participação do autor no “Ciclo de Palestras e Visitas”. O intuito é possibilitar aos participantes a oportunidade de conhecer empresas do setor, e receber informações atuais e relevantes diretamente de especialistas que atuam em diferentes segmentos do agronegócio.

O Ciclo teve três eventos, em três dias distintos. Somou mais de 30 horas. Os palestrantes foram: Roberto Rodrigues, Coordenador de Agronegócios da Fundação Getúlio Vargas e Presidente do Conselho Superior do Agronegócio da FIESP; Jairo Balbo, Diretor Industrial da Usina São Francisco; Tarsilo Rodrigues, da Bioagência; Ismael Perina, Presidente da Organização dos Plantadores de Cana da Região Centro-Sul; André Pessoa, da Agroconsult; e Márcio Lopes de Freitas, Presidente da Organização das Cooperativas Brasileiras, OCB. As visitas aconteceram nas associadas: Ouro Fino Agronegócios; Usina São Francisco; Coplana - Cooperativa dos Plantadores de Cana da Zona de Guariba; e unidade de óleo da Carol - Cooperativa dos Agricultores da Região de Orlândia. Os premiados de 2009 estão citados na matéria de capa.

Programa Educacional Agronegócio na Escola

Desde que foi criado, em 2001, o Programa Educacional “Agronegócio na Escola” já beneficiou quase 100 mil alunos. Em 2009 foi inaugurada uma nova fase do Programa que até 2008 vinha sendo aplicado na rede estadual de educação, para alunos da primeira série do Ensino Médio. No ano passado foi a vez de jovens dos dois últimos anos do ensino fundamental da rede municipal de ensino de município de Ribeirão Preto, 5.250 estudantes. A capacitação dos professores, com palestras e visitas às empresas do agronegócio, para vivenciar a conexão teoria/prática continuou sendo prioridade. A capacitação foi feita, mais uma vez, por um dos maiores conhecedores do setor e grande apoiador do “Agronegócio na Escola”, Roberto Rodrigues, do Centro de Agronegócios da FGV e Cosag/Fiesp. As visitas aconteceram na fábrica de óleo vegetal da Carol, e nas usinas São Martinho e Batatais. O trabalho com alunos dentro da sala de aula aconteceu durante 5 meses. No evento de encerramento foi possível perceber como o conceito foi assimilado por eles. Foi uma grande confraternização, com premiação para os vencedores dos Concursos de Frases e Desenhos, além de apresentações culturais nas quais os alunos mostraram, com arte, tudo o que aprenderam sobre agronegócio. Apresentaram jogral, teatro, música, poesia e performances diversas. Em 2010 o Programa Educacional “Agronegócio na Escola” será oferecido a outras Secretarias Municipais de Educação da macro Região de Ribeirão Preto.

Em 2009 a equipe executiva da ABAG/RP participou de mais de duas centenas de eventos, entre simpósios, congressos, conselhos, seminários, reuniões e encontros. Trabalho semelhante é esperado para 2010, para dar continuidade à missão da ABAG/RP de integrar, fortalecer e valorizar institucionalmente a imagem do agronegócio, e ampliar a participação do setor em atividades socioambientais, educacionais e culturais.